

DEPOSITO LEGAL

SEMANARIO HUMORISTICO

# TRIPAS

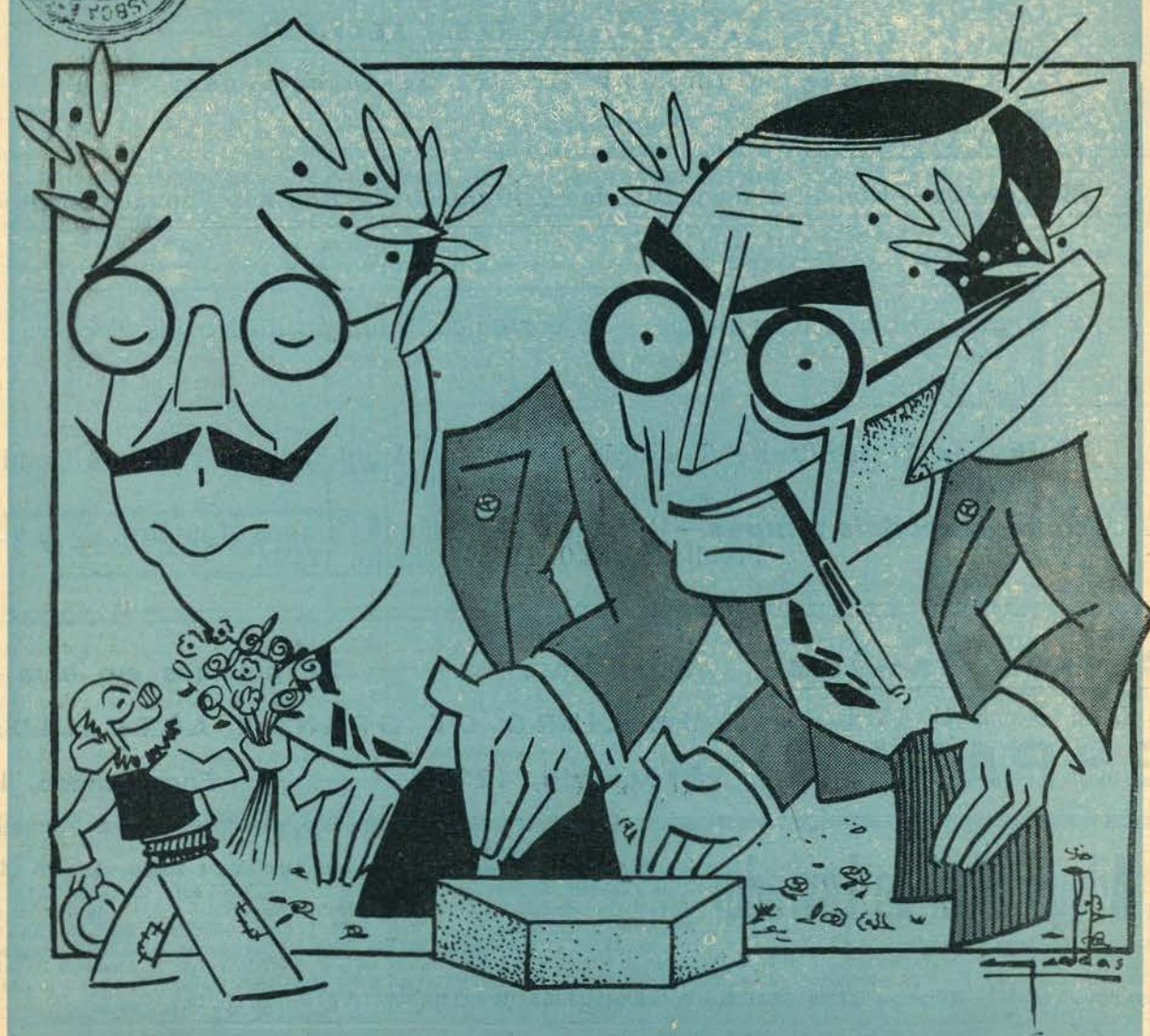
Luiz Caldas

EDICÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
do Almada, 107-2.º — Telef. 1819 — PORTO  
Propriedade da Empresa do «Magazine Civilização», [Limitada]

DIRECTORES { **Heitor Campos Monteiro**  
                  { **Dr. Germano Campos Monteiro**  
EDITOR — **E. Costa Monteiro**

Composto e impresso na  
IMPRENSA PORTUGUESA  
R. Formosa, 108 — Telef. 1466 — PORTO

## O "Pôrto à vista" à vista de tôda a gente



Tão tripeiros e tão sentimentais que fazem das "trípas" coração

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.<sup>da</sup>

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819—PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Direcção literária de:

HEITOR CAMPOS MONTEIRO  
DR. GERMANO CAMPOS MONTEIRO

Condições de assinatura:

Continente e Ilhas	
Ano . . . . .	45\$00
Semestre . . . . .	24\$00
Colónias	
Ano . . . . .	50\$00
Registado . . . . .	70\$00
Estrangeiro	
Ano . . . . .	60\$00
Registado . . . . .	100\$00
Número avulso 1 escudo	
Anúncios: Preços convencionais	

LUÍS DE ALMEIDA BRAGA

**Paixão e Graça da Terra** — São três conferências, tendo por título a primeira, **O Presépio da Raça**, que tem por terna a província do Minho; a segunda, **A lei do trabalho**; e a terceira, **Manhã de profecias**. — 384 páginas, capa a duas côres, impresso em óptimo papel. — Brochado, 12\$50. Encadernado, 17\$50.

HENRI ARDEL

**Eva e a Serpente** — Romance em tradução portuguesa — Brochado, 10\$00. Encadernado, 15\$00.

### COLECCÃO DE HOJE

Ultimos volumes publicados nesta colecção:

PALACIO VALDÉS

**Maximina** — Romance da actualidade, tradução de Florbela Espanca Lage.

JOSÉ MÂS

**A Orgia** — Romance sevilhano e de costumes, tradução de Novais Teixeira.

ALBERTO INSUA

**Mulheres histéricas** — Tradução de Campos Monteiro; um romance formidável e de actualidade

**O amor em dois tempos** — Romance, tradução de Campos Monteiro. Cada volume brochado, 7\$50. Encadernado, 12\$50.

**Carlos Santos**

COMO EU VI A  
**ESPAÑA**

448 páginas — 27 gravuras em hors texte

UM LIVRO DE GRANDE ACTUALIDADE

Brochado, 12\$50 — Encadernado, 17\$50

**A Adega Ideal do Lavrador**

tem actualmente espalhadas no Pôrto, Foz, Matozinhos e Valadares-Gaia, 18 ADEGAS:

R. do Bomjarlim, 361-364 (Esq. da Trav. de Liceiras), Telef. 5617; R. das Fontafúhas, 193-195; R. de Santa Catarina, 828 (Frente à R. G. Cristóvam), Telef. 5902; R. da Constituição, 1395; Av. Fernão de Magalhães, 53-55, Telef. 2484; L. Campo Mártires da Pátria, 54-55 (Vulgo Corcamp, 693; L. de S. Pedro de Miragaia, 5 e 7; R. Costa Cabral, 524 (Esq. Av. dos Combatentes); R. S. Vitor, 143-A; R. Alexandre Herculano, 44; R. Sacadura Cabral, 97, NA FOZ — R. Senhora da Luz, 238-242, Telef. 314 — FOZ EM MATOZINHOS — R. Conde S. Salvador, 71-73 (Esquina da Avenida Serpa Pinto, Telef. 275 — MATOZINHOS. EM VALADARES — R. da Estação. EM LEÇA PALMEIRA — R. do Castelo, 17 e 19.

## UMA SESSÃO IMPORTANTE

### Extracto... de carne e peixe

*Sala particular do Grande Hotel do Porto. Uma mesa rebrilhante de luzes, cristais e flores. Em volta de ela, cerca de vinte convivas, devorando com invejável apetite. É a sessão semanal dos Rotários Portuenses. Os criados servem o peixe.*

O SR. EDUARDO ROMERO — A fim de prestar contas da minha última viagem a Lisboa, peço ao sr. dr. Vasco de Oliveira o favor de ocupar a presidência. (*Trocamos os dois um sorriso, os lugares... e os talheres.*)

DR. VASCO DE OLIVEIRA — Tem a palavra o illustre consócio sr. Eduardo Romero. (*Ansiedade nos assistentes.*)

O SR. E. ROMERO — Como vossas excelências sabem, há muito tempo que *A Voz* anda a interpicar com os Clubes Rotários, afirmando que eles não passam de uma maçonaria laica. Para pôr termo ao lamentável equívoco...

O SR. JOÃO MOREIRA FERREIRA, com a boca cheia — O sr. Romero armou em romeiro...

O SR. E. ROMERO — Precisamente. Tomei o meu bordão e a minha esclavina, e fui-me de longada até Lisboa. Uma vez na capital, dirigi-me à Santa Sé do largo do Picadeiro...

O SR. RAUL DE OLIVEIRA, enxugando os lábios humedecidos pelo Santele — Onde foi recebido pelo Cardeal Nemo...

O SR. E. ROMERO — A quem expus o motivo da minha visita. Provei-lhe, com a certidão da minha última desobriga, e com o meu diploma de irmão da Confraria das Almas, que sou mais

católico que o sr. Borges Manta, mais apostólico que o dr. Angelo César e mais romano que Benito Mussolini. Afirmei-lhe que todos os meus consócios (com exclusão do Dr. Vasco de Oliveira, que não pode fazê-lo porque passa as manhãs a atirar aos maçaricos) ouvem missa todos os dias e comungam todas as semanas. Mostrei-lhe que o emblema maçónico é constituído por duas tibias cruzadas emoldurando uma caveira, enquanto o emblema rotário é formado por um garfo e uma faca em cruz, encimados por uma cabeça de javali com trufas. Emfim: que o simbolo da maçonaria é a morte — ossos sem carne — e o nosso é a carne sem osso, fonte de toda a vida. Provei-lhe ainda...

O SR. JOSÉ JÚLIO VILAÇA — Basta! Basta! Nessa altura, já ele devia estar convencido.

O SR. CARLOS LELO — E se o não está, mandar-lhe-ei uma caixa de garrafas de Porto Velho, — o supremo argumento.

O SR. E. ROMERO — Não é preciso. Sua Eminência ficou por tal forma persuadido, que até disse para o Correia Marques: «Vê lá tu como se forjam calúnias. O sr. Romero convenceu-me de tal maneira, que já não descanso enquanto não tomar parte numa das sessões dos Rotários. Mas uma sessão em que a ordem da noite conste de sete ou oito pratos.

O SR. FRANCISCO CEPEDA — E é preciso convidá-lo. Não podemos, agora que ele fez o desmentido no jornal, dar-lhe com os pratos na cara.

Todos — Apoiado!

O SR. ANGELO VASQUES — Tenho a honra de mandar para a mesa... o assado, que deve estar delicioso.

O SR. DR. FRANCISCO MARIA DE SOUSA — Tem todo o meu aplauso. Rotário vem de *rôti*. (*Passando-lhe o prato*) — Faça-me o favor de uma fatia, com um bocadinho de essa couve-flor *au gratin*.

O SR. DR. GASPAR BALTAR — Para mim, só a couve-flor. O dr. Combe recomendou-me que não comesse carne...

O SR. JOAQUIM NÓBREGA — O colega é vegetariano?

O SR. DR. GASPAR BALTAR — Que remédio! Frugívoro, frugívoro, é que eu devia ser.

O SR. JOÃO MOREIRA DA SILVA, entusiasmado — Apoiado! Plantai as nossas árvores, e colhereis os melhores frutos!

O SR. E. ROMERO, revertendo ao ponto — Deliberamos, então, convidar o Cardeal Nemo para assistir a uma das nossas sessões?

O SR. LOPES CARDOSO — Parece-me

de toda a conveniência. Mas uma sessão solene, a grande instrumental, com caviar e *mayonnaise* de lagosta...

O SR. DR. VASCO DE OLIVEIRA, sonhador — Sim... Ele já tem setenta e tantos anos... (*Pausa. Cessou o ruído dos talheres. Poisam-se os guardanapos sobre a mesa*). Mas algum dos meus illustres consócios deseja pedir a palavra?

O SR. JOSÉ DE FARIA MACHADO — Muito obrigado. (*Levando a mão ao pescoço*). Eu já estou até aqui. Tenho para até amanhã ao almôço.

O SR. DR. VASCO, depois de ter passado um olhar pela mesa e de ter visto os pratos cheios de cascas de fruta — Nesse caso, levanto a sessão, marcando a próxima para terça-feira, com os mesmos assuntos a tratar.

O SR. LOPES CARDOSO — Eu desejo propor uma pequena alteração.

O SR. DR. VASCO — Qual?

O SR. LOPES CARDOSO — Que o esparregado seja, em vez de nabijas, de espinafres.

O SR. DR. VASCO, erguendo-se — Que o sr. Angelo Vasques, secretário e almoxarife do Rotary Club do Porto, assim o tenha entendido e faça executar.

Catulo.



### Posta restante

Monteiro II — Ou trabalhamos melhor o verso, ou vai tudo para o maneta. Habilidade tem você que chegue; o que lhe falta é o saber trabalhar. Produza menos e pela certa produzirá melhor. Vamos a ver...

Rei dos Nabos — Conte 500 para cima e para baixo, e sempre 500 sucessivamente e verá como encontra os predestinados. E pelas almas não diga que fica sem resposta. A MARIA RITA tem respondido a todas as suas perguntas. Veja a colecção.

Carlos Fernandes — Ocoo 743 — Nós começamos por o considerar desde já como um colaborador; o que não podemos é publicar o que enviou. Mande outras coisas e será servido.

### A nossa Direcção

Respondendo às múltiplas perguntas que nos tem sido dirigidas, em razão de termos pregado com os nomes dos nossos directores na primeira página do nosso semanário, diremos que essa resolução foi tomada em cumprimento de disposições legais.

De resto, cremos bem que já não era novidade para ninguém que o pseudónimo de José de Artimanha correspondia ao careca Heitor de Campos Monteiro, e o de Dr. Knox ao seu irmão mais velho e mais cabeludo.

Ai fica, portanto, a rectificação devida, e a certeza de que a nossa direcção, não é uma direcção proibida.

## Balancete da semana

O Orfeão Lusitano, que na liça do bel-canto ganhou nome benquisto, foi feito, com justiça, comendador de Cristo.

Numa festa de brilho não vulgar, e numa apoteose lisonjeira, viu a insígnia da Ordem Militar rutilando no pano da bandeira.

MARIA RITA curva-se, trememente, perante o Orfeão,

p'ra dar-lhe os parabéns, gostosamente, e um apêto de mão,

— fazendo votos por que sempre assim,

— inalterável, avassaladora —

a batuta do Afonso Valentim tenha a firmeza que revela agora.

\*  
\* \*

Um casamento... A' hora do cortejo se pôr em marcha p'ra a Conservatória, o noivo, audaz, pede... uma moratória, e safa-se correndo, com despejo.

Desmaia a noiva. A sogra, quasi cega de vergonha, de cólera e de mágua, tem ganas de escácar o *copo de água*, tão bem servido, e que a servir não chega.

Sandwiches, croquettes, chocolate, vinho fino, champanhe — até chá mate = tudo fica na mesa, ao frio e ao ar sem ninguém lhe tocar.

De manjares tão bons, de tal delicia, ninguém tomou um átomo somente, — a não ser a policia, que, austera, tomou... conta do indidente.

\*  
\* \*

«Mobília D. João Quinto, «de quarto de dormir, no Lumjar, «vende-se, verdadeira». Lendo isto, eu sinto vontade de comprar.

Naturalmente estive em Odivelas; e, se bem lembro o que estudei na aula, deve pairar, entre essas coisas belas, o aroma especial da Madre Paula.

E talvez nessa artística sucata se encontre, inda ostentando a real marca, o bacio de prata

que serviu ao monarca. De prata, vejam bem! Naquela idade (e dizendo isto julgo que não erro) tudo era luxo, pompa e majestade.

E' muito mais modesta a actualidade, Os de hoje... são de ferro.

Foi grande a surpresa no público ao saber-se que o prêmio Ricardo Malheiros fôra concedido ao sr. Aquilino Ribeiro.

Claro que a surpresa não resultou de ser mau o livro premiado. Ao contrário. De tôdas as obras que tinham concorrido, a do ilustre prosador das *Terras do Demo* era, evidentemente, a melhor. Desta vez a Academia das Ciências fêz o que raras vezes costuma fazer: um acto de inteira justiça.

O que provocou a admiração do país não foi, portanto, a decisão do velho instituto mediocrático. Foi que o sr. Aquilino era tido como um espirito revolucionário, desempoeirado, insumisso, avêso a fórmulas arcaicas e a convencionalismos. Tôda a gente o supunha incapaz de inclinar a cerviz ao jugo de uma corporação conservadora e bolorenta. Para mais, seria coisa de muita lástima que um homem do seu talentos olicitasse a apreciação de um júri onde não há ninguém que se lhe equipare em valor.

Pois bem. O sr. Aquilino sujeitou-se, acorrendo ao beijamão de mediocridades intelectuais que deviam provocar-lhe um desdem olimpico. Ganhou seis contos. Mas perdeu na attitude inteiriça e irreverente que era uma das suas grandes qualidades.

Se calhar, foi vingança do dr. Ramada Curto.

Lá desabou outro govêrno francês. Aquilo é o presidente a fazê-los, e o parlamento a sumi-los pelo alcapão.

Dura cada ministério um mês certinho. Não seria melhor, logo no principio do ano, nomear o presidente doze govêrnos? Desta maneira, evitavam-se as crises e os consequentes percalços. Com a vantagem de se poderem aplicar os ministérios às estações próprias: Mr. Printemp em março, Mr. Chautemps em julho e Mr. Noël em dezembro.

MARIA RITA é o jornal humorístico  
: : : : de maior expansão : : : :

Turiddu.

O Novo "OPEL" --- o carro preferido pela "elite"

# PROJEÇÕES DE BRAGA

## Consultas a preços reduzidos—Efeitos do frio nas escravas da moda—O aquecimento das Senhoras

*Sinto muito frio, nas extremidades. A falta de melhor resolvi usar «souquettes» o que acho pouco elegante e sem resultados satisfatórios. Que lhe parece?*

*Uma friorenta.*

A quadra invernososa desenvolve-se cada vez mais, aproxima-se o friorento Dezembro, e, não deixamos de concordar que, para o rigor deste tempo, as bases femininas (pernas e pés) andam imensamente desgasalhadas.

Ora, ao contrário do que se afirma as pernas põem-se de lado, na nossa opinião, as condições estéticas de qualquer *prédio*, principiam pelos alicerces.

Os artistas especializados em modas femininas, aproveitando a fragilidade que caracteriza o belo sexo, teem como único objectivo o ataque disfarçado à carteira do sexo peludo.

Chama-se a isto, em gíria bilharista, «carambolar por tabela sêca».

Assim, ano para ano, estação para estação, lançam no mercado o que mais disparatado se pode conceber em indumentária, mas que as filhas de Eva observam religiosamente, seguindo o lema: *Tudo o que seja moderno deve pôr-se na mulher*. Nestas condições a moda feminina, a-pesar-dos seus mais variados aspectos está longe de apresentar vestígios de senso prático porque tem simplesmente em vista o fim especulativo, de modo que as pernas de V. Ex.<sup>as</sup> continuam sujeitas a uma exposição, agradável para o comércio de meias em geral, e para todos os homens em particular, mas prejudicando o comodismo e até a própria saúde, das expositoras.

O aparecimento dos *souquettes*, no nosso fraco entender, não passa duma nova exploração que pouco ou nada remedeia, pois não é crível que umas simples peúgas de lã possam só por si fornecer o agasalho indispensável à boa conservação do estado físico.

No inverno, a mulher necessita de bastante calor não sendo de bom conselho manter quaisquer membros regelados ou mesmo com temperatura inferior à da *ebulição*.

No século XX no tal século das luzes, (que na nossa cidade facilmente

se verifica pela iluminação feérica que apresenta a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra) muito se tem inventado e produzido mormente sob o ponto de vista mecânico, e afinal muito falta ainda para satisfazer a comodidade e o capricho humano.

Por exemplo: Em aquecimento é-nos dado certo conforto mediante uma braseira, um fogão a qualquer coisa, que tanto pode ser a banalíssima electricidade, como os triviais briquetes, o que apenas nos aproveita quando devidamente abrigados no albergue de que cada um dispõe, e conseqüentemente fora do alcance daqueles que habitam nos bancos de qualquer jardim público.

Porém, para a rua, justamente onde é mais necessário por ser mais frio, a única defesa consiste nos agasalhos em lã ou algodão, que os homens aproveitam e as senhoras, em parte, — que é como quem diz — nas pernas, desprezam.

A civilização aumenta, o progresso

## Entre amigas



— *As vezes invejo-te a pele!...*  
— *Ó filha! É agora no inverno, porque na primavera é uma desgraça...*

avança, e, estamos certos que, em breve se descobrirá um aparelho especial, possivelmente eléctrico, perfeitamente transportável, de aquecimento central com irradiação, em formas e feitos ao gosto de cada um.

Desta maneira ficaria solucionado tão importante problema, pois, para andarem convenientemente aquecidas, V. Ex.<sup>as</sup> necessitavam apenas de adquirir o aparelho que mais lhes conviesse e melhor se lhes adaptasse.

Sal & Pimenta.



## Três por semana... para não cansar

Pinsamentos

— O homem é um parafuso, que anda sempre atrás da porca...

— A mulher é uma letra que se aceita, mas que nunca se deve endossar... isto é, a não ser a sogra. Esta deve ser enviada imediatamente ao... protesto.

— Todas as mulheres formam um regimento que está sempre em pé de guerra mesmo que não estejam de pé.

Lizé.

## Secção Semi-Mundana

Baptizado

Na conhecida adega do Grilo, foi ontem baptizado, pelo proprietário, uma pipa de 500 litros. Serviu de madrinha a Companhia das Aguas, que ofereceu ao neófito um milhão de bacilos do tifo.

Aniversários

— Fêz ontem anos o ilustre funcionário público José Silva. Não ficaram lá muito bem feitos, motivo porque os vai tornar a fazer, no próximo ano.

— Faz amanhã 43 anos a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Eng.ª da Purificação, que nos pede para comunicarmos aqui, que só fêz 2 anos.

Como a aludida senhora se encontra ainda muito bem conservada, gostosamente lhe fazemos a vontade.

### Segunda carta

Digam o que disserem, a coisa foi um sucesso. A nossa primeira carta, verdadeira em tôdas as suas letras, despertou no meio amoroso portuense um verdadeiro frenesi.

Eis a razão porque já fomos convidados para um duelo com duas testemunhas à vista, e nos foram prometidos dois tiros em primeira mão.

Não desistimos, porém. E a prova é esta: aí vai a segunda carta, tão verdadeira como a primeira e como ela também respigada de ardores mal contidos e quasi flatulentos. Apreciem-na, por favor:

Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup>:

*Navoluptuosidade do seu olhar meigo, ha qualquer coisa que prende e atrae a minha alma.*

*O seu rosto de linhas harmoniosas, seus olhos, parece, sentem a nostalgia de um céu que ficou distante, onde sua alma brilhava ambientada da graça divina das entidades sagradas, eles são como um reflexo das ancias dos que se amaram sob a carícia macias das brlsas de Venos, nas noites enluaradas. Teem, na ternura suave de seu todo, afaço maravilhosas que seduzem, subtiliza que encantam, arroubos de paixão que dominam. Falam, cantam, sorriem.*

**Vivem da ançia de nossa promessa para o desassoçego de nossa esperança.** Por isso vejo-as sempre como que em sonho, perdido, às vezes, em profundas meditações, como se buscassem no desconhecido infinito a luz dos olhos que lhe faltam. E' justamente nesses momentos que são mais lindos os seu olhar. Quem me dera que fôsem os meus que elles buscassem? E' oxalá que eu pudesse adoralos sempre, comprehendel-os sempre, para que no derradeiro instantes da minha existência deixasse este mundo guiado pela sua luz, tão terna.

Saudosamente confesso nestas singelas linhas a expressão de amor que lhe

consagro, esperando uma resposta a minha terna cartinha.

Antonio Luís Castanheira Ribeiro.

Nada teremos a acrescentar a um amor tão puro. Lamentamos apenas que aquela frase *guiado pela sua luz tão terna*, não tenha saído assim: *guiado pela sua luz lanterna*. Era mais lógico, não acham?...

P. S. — Quem possuir destas cartas que as mande. E' um favor que lhe fica devendo a epistolografia nacional.

### Secção anedótica em primeira mão

— Estimo muito vê-lo já restabelecido, meu caro amigo. — dizia um médico a um seu doente — Boa côr, pulso óptimo... Pelo que vejo, seguiu a minha receita?

— Ah, se a tivesse seguido, estaria a estas horas com as pernas quebradas!

— Como assim?

— Veja lá. Atirei com ela pela janela fora, e, como sabe, eu moro num 3.º andar...

Um fidalgo tinha um cavalo que só se deixava montar por ele e por um filho.

Quando numa feira lho gabaram, disse todo entusiasmado:

— E é tam fino, tam fino, que só se deixa montar pela familia.

O Artilheiro de 1837.

## Viva de Espinho

Aquele nosso amigo de Peniche,  
De abundante e farta cabeleira,  
Aquele amigo leal, que é sempre fixe,  
Que nós conhecemos de gingeira  
E para o qual em vão nunca se apela,  
Andou há dias numa dobadoira  
Por causa duma certa lista  
Com nomes de amiguinhos da panela!  
— O homem, se não chega a camarista,  
Ou fica paralítico, ou estoura!

\*

O mar, na sua fúria habitual  
De todos os invernos, continua  
A ameaçar o nosso litoral,  
E ultrapassando, às vezes, o areal,  
Vem passear por esta ou por aquela rua!

Achamos bem que êle, o nosso mar,  
Vizinho e amigo, connosco se derrixe  
Num grande amor platónico e vulgar,  
Mas que nos beije as mãos sem abusar,  
Poís que o abuso é sempre uma chatice!

\*

E já que ao mar nos vimos referindo  
Numa palestra amiga e acaciana,  
Convém frizar aqui, falando e rindo,  
Que êle está mesmo um cão de mar  
Que não deixa os nossos barcos trabalhar.  
— Dizemos isto com desgosto manifesto,  
Poís é por tal razão que o nosso cêsto  
Vem tal falho de «viva» esta semana!

Zé Mendes.

## Uma descoberta arqueológica — Um professor poeta que estava enterrado no silêncio — Vamos a ver o que sai

Esta coisa de desencantar poetas por esse país fora, é uma tarefa de tal modo pesada que só os ombros da MARIA RITA a conseguiriam agüentar. Descobrimos primeiro o Damião e a sua coorte. E claro que apareceu o Pérola Verde a defendê-lo. Depois descobrimos o Garibaldi lá para as bandas de Rossas, e logo o sr. Mesquita Júnior veio pôr-se de permissão para que passássemos primeiro sobre o seu cadáver e se onserva-se intangível o verso do Garibaldi.

E já hoje vamos dar a conhecer um novo valor literário da mesma tempera, só faltando que venha alguém a estacada defendê-lo.

Este valor de hoje que é positivamente um valor com a libra a 110 escudos, é professor em Travanca (Vila Meã) — Douro, e faz versos muito melhor do que ensina meninos.

Conhecemo-lo da seguinte forma: Há dias vimos nos seguinte jornal este anúncio:

### OBSCURAS

PELO

prof. Valentim da Costa

autor dos seguintes opusculos

«Pétalas» — «Na orte dum Santo» — «Reflexos do Vicio» — «O Terremoto» — «Musa e Crença» — «Calendario das Escolas» — «Cantos» — «Patria Nova» — «Rimas Varias» — «Boninas» — «Rimas Varias» n.º 3).

O autor tem diversos manuscritos assuntos literários para publicar

O mimoso volume de poesias — OBSCURAS — será acompanhado do seu retrato e com o maior numero de paginas possivel.

CINCO ESCUDOS

Travanca — Vila Meã (DOURO)

E' claro que um anúncio destes fazia pôr os cabelos em pé ao mais sisudo dos mortais. Então anuncia-se um livro e não se sabe ainda o número de páginas?!

Por outro lado, parecia-nos impossível que houvesse em Portugal um escritor já com mais de meia dúzia de obras poéticas, (duas são repetidas mas não faz mal) e nós que gostamos do verso nunca tínhamos dado por êle. Era impossível!...

E sem mais aquelas resolvemos tirar a limpo o valor do sr. Valentim... Folheando a colecção do jornal anunciador das Obscuras encontramos lá

essas duas obscurissimas produções que damos a lume sem esperar que o seu autor arranje por aí muito maior número de páginas. O primeiro é dedicado ao retrato de uma afilhada que tem os cabelos *loirejantes*:

### O TEU RETRATO

(A minha afilhada Maria da Conceição da Silva)

Os olhos vividos, meigos, cintilantes,  
os labios delicados, sorridentes,  
o ondado dos cabelos *loirejantes*,  
o pescoço de pérolas luzentes.

As faces lisas, brancas e macias,  
o peito *de veludo, alvinitente*,  
um conjunto de suaves harmonias  
**todo o teu rosto, enfim, belo, excelente!**

As graças que contém, doce afilhada,  
ho! que Deus t'as conserve em toda a vida,  
que sejas sempre a rosa perfumada,  
que sejas sempre a flor apetecida!

Revêdo, o teu esplêndido retrato  
que of'reces como prova d'amizade,  
eu faço gosto e sinto um prazer grato  
mas não te vendo junto, eu fico com saudade!

Travanca — 20 — 8 — 1933

M. Valentim da Costa.

### Legenda a prémio



Dão-se dez escudos ao autor da melhor legenda para esta gravura.

E os outros são dedicados aos mimosos pés da D. Augusta de Freitas, uma senhora que deve ser pelo menos bailarina.

### A UMA SENHORA

(D. Augusta Freitas)

Que pés pequeninos,  
alvos, cristalinos,  
que das andorinhas  
gracis, levesinhas,  
fazem recordar,  
quando vão a andar,  
o seu saltitar.

Que pés pequeninos  
**que nem de meninos...**  
Que graça que tem  
quando acaso alguém  
os pode admirar  
**na dança, a valsar.**

Que pés pequeninos,  
lão brancos, divinos,  
que nem de criança...  
Na roda, na dança,  
fazem despertar  
**a curiosidade**  
no seu voltejar.

Que pés pequeninos,  
delicados, finos,  
que são de invejar...  
Feliz do seu dono  
**que na hora do sono**  
os pode beijar.

Travanca — 20 — 8 — 1933

M. Valentim da Costa.

E afinal o sr. prof. Valentim da Costa tem razão: para beijar uns pés depois dum valsa, só na hora de muito sono...

E para completarmos a noticia diremos que estes recortes foram tirados do jornal *A Vida Nova* que se publica na Senhora da Aparecida. E terminamos fazendo votos para que os pés da sr.ª D. Augusta Freitas não cheguem a criar calos, pois, nessa altura deixariam de ter ao seu serviço o estilo do Valentim.





### SÃ DA BANDEIRA

**Pôrto à vista**—revista em 2 actos e 15 quadros de Arnaldo Leite e Carvalho Barbosa.

### A peça

Dois dos nossos queridos progenitores—esses dois eternos rapazes que são o Arnaldo Leite e o Carvalho Barbosa—estão de parabéns pelo êxito, apoteótico na primeira representação, do seu novo original, tripeiríssimo até à medula, tripeiríssimo no título e no suco.

*Pôrto à vista* não precisa de binóculo de alcance para ser visto; mesmo a olho de nu se enxerga magnificamente—pois é uma revista que tem forma e vulto, aspectos bem contornados, linhas bem definidas. Vê-se perfeitamente em todos os seus detalhes, pois há ali a mão de mestre a esculpturar-lhe com precisão e relevo as formas.

Não se perde em banalidades, como tantas revistas; e, ainda como estas, o nevoeiro do incharacterístico e do inexpressivo não lhe esfumina os contornos, e o fumo da insipidez não lhe tapa a beleza.

E, depois, é uma peça que, rápida como uma flexa, vai direitinha a esta nossa vil viscera que se chama coração.

Que, diabo! é preciso descontarmos o perdido; já que, tantas vezes, o *Pôrto* tem sido *gentilmente* mimoseado por alguns revisteiros lisboetas com epítetos e graças sensaboronas, que teem tanto de injustas como de imbecis—sabe bem topar-se, de quando em quando, por esses escaparates de pouca-vergonha e de belezas que são os palcos, peças que, como a *Pôrto à vista*, tenham carácter e nervos, saúde e mocidade, nobreza e músculos.

E este novo original do Arnaldo e do Carvalho tem de tudo isso—e em barda. Não se perde em notas incharacterísticas e em números e aspectos de autoria duvidosa, como é de uso ver-se por aí. Tudo aquilo, ao contrário, tem, evidente como o volume

"Sob o manto diáfano do Humorismo, o arrêcho têsso da Verdade"

dum elefante, o estilo dos dois tripeiros a salientar-se preciosamente em fulgurações de interêsse, de graça, de originalidade, de poder sugestivo e de honestidade.

*Pôrto à vista* tem cabeça, tronco e membros—que, como quem diz, tem principio, meio e fim.

MARIA RITA pula de contente, num saltadinho de alegria, por ver o triunfo dos seus queridos tripeiros. E—para que não a julguem imodesta, por falar tão elogiosamente da obra da sua terra—não diz mais nada da revista, a não ser que gostou, num bom e vibrante gostar, e que saiu de lá satisfeita até aos gorgomilos com a peça que é em cheio, e na qual o *Pôrto* passa galhardamente, no carro alegórico das suas virtudes, que são muitas, e no panorama típico e característico do seu pitoresco que é dos mais sugestivos e interessantes.

MARIA RITA—num transporte de sentido contentamento tripeiral—depõe, nas rubicundas maçãs dos rostos dos seus ex-papás Arnaldo e Carvalho, o beijo mais repenicado, caloso e valente do mundo.

A música é apetitosa e agradável, tendo sido posta em alegre solfa por Venceslau Pinto, Raul Portela e Bernardo Ferreira e também pelo Pimenta Pai e por António Lopes, que fizeram dois números asseados, se bem que não tivessem merecido as honras dos cartazes e dos programas...

...São do *Pôrto*, coitados!...

### Desempenho

O desempenho, sim senhores, foi, na *première* é claro, de estucha. Todos os artistas se agarraram com alma e dentes aos seus papéis, para que *Pôrto à vista* lósse bem vista e agradável à vista através das suas interpretações fixes e espaventosas. Se não houve génios—houve boas-vontades e inteligências a manifestarem-se, o que já é muito.

Mas Beatriz Costa—que parece cada vez mais pequenina mas também cada vez mais interessante e apetitosa como um caramelo—e Santos Carvalho, acima de todos, e todos eles foram óptimos trabalhadores, aliás, e bem merecem que os seus nomes sejam postos num *gros-plan* de referências pelas ganas com que puxaram as suas *râbulas*. A Beatriz até parecia tripeira, na alma, no fogo e na vibração como desempenhou as nossas figuras.

Beatriz: MARIA RITA elege-te esta semana, não a *Mistinguett*—mas a maior tripeira da revista portuguesa! E diz isto tão sinceramente, quanto

No próximo número MARIA RITA dirá da sua justiça, em prosa rijãera, da "Festa Brava"

te magoou de principio nos incharacterísticos tipos que incarnaste e não criaste.

Mas todos os outros artistas tam-

mento pelo carinho com que eles trataram a peça dos seus maiores—oscula todos os artistas e tôdas as coristas na covinha do ladrão...

E agora ainda uma referência muito sensibilizante a Teresa Gomes—que elegemos à alta categoria de nossa prima. Teresa—atriz desde os cal-

nós já não sabíamos se ela é que era a gente ou se nós é que eramos ela... Teresa, a MARIA RITA abraça-te num abraço de meter os tampos dentro. Ai sua fixe, sua querida camaradona!

Desta vez não pode haver valores no desempenho, pois todos os artistas merecem o primeiro prémio na lotaria dos elogios, todos merecem distinção no exame de arte a que se submeteram.

E ainda bem que não está cá a Georgina, se não havia fiasco.

E faltariamos a um dever sagrado se não disséssemos que o Soares Correia, a-pesar-dos nossos conselhos sempre acarretou mais um nariz, e que na alegoria ao *Pôrto*, foi tão extraordinário que fez das *tripas* um prato cheio de boas coisas.

### Montagem

Rosa Mateus—que, por sinal, é homem—ensaiou a revista com alma e inteligência. Ai seu Rosa duma figa. Você sabe da poda.

O Baltasar pintou uns cenários esplêndidos, arejados de ideias—sem modernismos irritantes. E' um valor na cenografia, afirmamo-lo nós, afirma-o a Beatriz Costa e tôda a gente de teatro. O nosso camarada Cruz Caldas também lá aparece com uma cortina que é um mimo de concepção, gosto, originalidade e técnica. Foi a sua estreia no teatro—e não podia ser mais brilhante e mais pessoal essa estreia. Merece—e não é a amizade que fala—ser aproveitado mais vezes no teatro. E' do *Pôrto*, porém...

O guarda-roupa, conquanto não seja pelintra, não está à altura da peça, do nome dos autores, dos artistas e do *Pôrto*. Esta é a verdade. Não lhe deram o carinho e o auxílio que deram às revistas anteriores. O publico *sentiu* isto. Parece-nos ser preciso criar a *Liga de Defesa do Pôrto no Teatro*.

E a não ser os números vestidos pela casa Albano Ramos Pais & Filho, poucos mais se aproveitaram.

Mas *Pôrto à vista* dispensou a montagem esplendorosa das outras revistas. Triunfou assim mesmo, sem artificios nem pintadelas falsas, ao contrário das outras que precisam muitas vistas e muito luxo para agradar, porque são, por dentro, vazias como uma cabaça e ôcas como uma caveira.



### Plásticas

A distribuição de valores sobre as plásticas está, desta vez, comprometida, pois só duas actrizes se apresentam de pernas ao lêu e três apenas mostram nesgas da sua carne estonteante. E não há direito de apresentar uma revista tão vestida; o que é bom é para se ver. As coristas, sim, essas é que se apresentam quasi à mãe Eva...

Assim, teremos:

Maria Brasão, 1:580 valores; Rosalina Sayal (com *i grego* e tudo), 800 valores; Maria Salomé, 900; Elisa Carreira, 780; Aurora Aboim, 300; Bailarina Móra, 100; Bailarino Falcoff, 12.

Coristas: Isolina, 50 valores; Maria Pinto, 48; Claudina, 50; Marieta, 3; Lucília, 35; Felisbela, 20; Rosa Coimbra, 20; Sofia, 25; Zulmira, 15; Albertina, 12; Deborah, J. Elisa Amélia, 10; Maria Almeida, 4.

### Novas, Ecos & Boatos

*Pôrto à vista*—é bem à vista. Aquilo é como um livro aberto onde se leem as melhores páginas do *Pôrto*. E' uma peça que todos os tripeiros devem ir ver.

—Pondo de banda, e duma banda só, o Vasco, o *Desculpa, ó Caitano!*, no Carlos Alberto! (*desculpa, ó Mota!*) foi assim como uma récita de amadores.

—Desde que está no *Pôrto*, nesta temporada, é na *Pôrto à vista* que a Beatriz Costa tem trabalho a valer, trabalho de actriz, e ao qual ela se agarru com unhas e dentes dando-lhe alma, nervos, vibração.

—No friso anónimo das coristas também há elementos que merecem ser destacados, pela consciência profissional e pela precisão e pelo ritmo dos seus movimentos. Na *Pôrto à vista* temos Isolina, Maria Pinto e Claudina, ao contrário das outras que... O calado é melhor, não vá a nossa irreverência prejudicá-las...

—Antigamente as *caixas* do teatro eram frequentadas por uma rapaziada tesa e de dorada boémia de espirito. Hodiernamente (como diria o Edurisa), salvo honrosas excepções, a fauna de *leões* que por lá surgem parece constituida por avós dos antigos frequentadores. E' que os tempos mudaram! E' que antigamente o coração mandava, hoje é o dinheiro.

—Falta de espaço força-nos a adiar para o nosso próximo sensacionais revelações.

(Ver continuação na página 11).

# Teatro das CINEMATOGRAFICAS

POR Críticos Unidos

### Teréomes



Uma MARIA RITA autêntica

bém se distinguiram, também puxaram a bom puxar pelo brilho dos seus papéis. E a MARIA RITA, — alegre e satisfeita, e em sinal de contenta-

canhares à ponta dos cabelos—confundiu-nos, deixou-nos embaraçados. Encarnou tão flagrantemente na revista a figura de MARIA RITA, que



Certo dia, disse à espôsa dum meu cliente:

— Seu marido está perdido! Já tem as mãos côm da amora!

— Mas, doutor,—disse ela,—o meu marido é tintureiro!

— Ah!—disse eu.—E' o que lhe vale! Se não fôsse tintureiro, morria dentro duma hora!

Um pobre doente, disse-me um dia:

— Como é que eu pude viver tanto tempo sem comer?

— A febre alimenta!—disse-lhe eu.

— Sim? Ah! Se eu a pudesse dar aos meus sete filhos!

Um colega meu, chamado Costa, foi há tempos fazer clínica para uma aldeia. Pois tão bem se desempenhou do seu cargo, que, passados tempos, foram pôr à porta do cemitério o seguinte letreiro:

— *Pensão Costa.*

Um dia, disse para um doente cerebral:

— E' preciso que você renuncie a todo o trabalho de cabeça!

— Impossível, senhor Doutor!

— Porquê?

— Porque sou cabeleireiro!

A's vezes, o remédio é simples. Ao meu consultório foi uma vez um doente que se queixava:

— Não posso deitar-me sobre o lado esquerdo! Tenho uma dor terrível desse lado.

Eu, receitei imediatamente:

— Durma sobre o lado direito!

Uma vez, disse eu a um doente:

— Não lhe oculto que o senhor está muito mal! Deseja ver alguém?

— Desejo, sim!—disse êle! Desejo ver outro médico!

Dizem que eu tenho muitos inimigos neste mundo...

E no outro?...

Já tive um doente que tinha muito medo de morrer.

Preguntei-lhe:

— O senhor fuma?

— Não, senhor Doutor!

— E joga?

— Também não!

— E gosta de boas comidas?

— Também não!

— Colecciona mulheres?

— Nada disso!

— Então para que quer viver?...

Um doente perguntou-me um dia:

— O Estoril é bom para o reumatismo?

— Muito bom! Foi lá que eu apanhei o meu!

Dr. Cacholas.

## Dernier Cri

Ombros de pau, que são poleiros de galos de linhas do mais puro horizontal, calças compridas, de largura tal, que as pernas dentro d'elas, são badalos!

Admira-se a gente ao encontrá-los, aberto o colarinho de percal, com um nó de gravata colossal por onde dá vontade de enforcá-los!

Ar misto de rufia amaricado!... Par'cendo feito a tinta ou a crayon um bigode à «Menjou» avariado!...

E, p'ra serem ainda mais do tom, o pote dos miolos destapado p'ras asneiras brotarem com mais som!...

R. & Zotta.

Maria cá m'acho bem  
Neste cartel j'karal.  
E tu 'stás boa tamem?  
Tua familia que tal?

Diz-me Micas como bai  
A mula da tua tia  
O cavalo do teu pai  
E a burra da senhoria?

Dá-me notiças tamem  
Da bêsta da tua mãe  
Se 'stá de saúde e bem  
E cantos j'mentos tem.

Desejo qu'os animais  
Estejam bons minha qu'rida  
Por ser *inracionais*  
Tamem tem direito à bida.

O tempo passa mulher  
Isto aqui é um regalo  
Mas cando a orde bier  
Sou o primeiro c'abalo.

Monteiro II.

## Do alto do meu poleiro...

De cócoras...

Lindbergh, voador  
Como quem nos faz favor  
Veio até cá de visita.  
No rio Minho pousou,  
Qual esfinge não falou  
Numa atitude esquisita!

Na recepção em Valença  
Uma cadeira dispensa  
Fazendo assento da mesa.  
Ninguém a mal lhe levou  
Pois êsse móvel passou  
Valendo grande riqueza!

Este gesto tam soez  
Sé fôsse dum português  
Seria mimoseado  
Com uma enorme tarçia,  
Alguns meses de cadeia,  
Inda por cima multado!...

Pinto = \$480 reis.

Quem não puder comprar a MARIA RITA, peça-a emprestada. Desta forma terá graça, de graça :.

# ATLAS

## O CALÇADO PREFERIDO PORQUE É O MELHOR

# Coisas do meu monóculo

## Como a mulher vê o homem

Lisboa e Pôrto em cuecas—As que esfrangalham o homem e as que o beijam—Opiniões ultra-bestiais e infra-bestiais

Mal imaginava eu — é o imaginás! — que o meu *dernier article* sobre o compadre Amor arrancasse, com geitinho, à Imprensa dos Países de além fronteira, os mais frenéticos (amanhã é domingo!) elogios.

Sendo assim não pude parar no meu caminho de *reporter de poisa aqui poisa ali* (com bem pena de não poisar sempre no mesmo sítio) e vá de organizar mais inquéritos (ó Dr. Leonardo, inspire-me) dum transcendentalismo curioso.

### Em casa de Alice Ogando

Tomei o rápido (não às colheres, nem de ponta) e segui, com um farnel quasi rico, rumo de Lisboa.

Uma vez aqui, andei numa dobadora a perguntar pela rua do autor da *Menina e Moça*. Ninguém me sabia informar, porque ninguém se recordava já do nome (Pudera! Há tantos séculos) do grande bucólico quinheentista.

O que me valeu foi um sócio efectivo da Academia das Ciências, que, levando-me pela mão à Torre do Tombo me informou, após uma hora de consulta por catálogos e manuscritos inéditos, que era Bernardim Ribeiro.

E foi nesta rua, n.º 73 r/c que eu encontrei a poetisa-actriz.

— O que é o Homem?

— O Homem... é um bicho mau que nos *magoa*.

Estive vá não vá para lhe demonstrar o contrário, mas desisti.

— O seu tipo ideal de Homem?

— Os que não sejam excessivamente homens.

Respirei fundo, e despedi-me.

### Com Virginia Vitorino

A saleta em que fui recebido estava forrada de *Namorados*, *Renúncias Degredadas* e *Apaixonadamente*. E ao voltar a cara, li numa parede *A Volta*.

A Poetisa do Amor surgiu emfim, como a lua na concha opalina do céu (perdoem o estilo, mas quando falo de poetisas é isto!) ou o *sol donzel dum Abril floral* no dito de Afonso Lopes Vieira.

— Para V. Ex.º o que é o Homem?

— O Homem! Sabe-se lá o que é o Homem! O Homem é uma esfinge de carne e osso! Por causa dum homem...

Prevendo confidência melindrosa, atalhei com um tiro de carabina.

— O tipo ideal do Homem?

— Para mim... o loiro, olhos azuis, branco, fidalgo e... poeta!

Agradei e dobrando o joelho em mesura à Júlio Dantas, pouco depois encontrava-me

### Entre paredes com Fernanda de Castro

— O que é o Homem?

— No meu *forte* entender, o homem só é homem quando tem *pêso*. O meu ideal? O homem que seja de *ferro* e que disponha de poderes de *ferro*.

### Ouvindo Sara Beirão

— O Homem! O que coisa tão insípida?

— O seu tipo ideal é...

— Não me interessam os Homens! O que horror!...

### No camarim de Beatriz Costa

— O que é o Homem?

— Olhe, deixe-me!... Então sabendo Você perfeitamente que eu odeio a MARIA RITA e esse palerma do Sarcey Senior, ainda tem o descaramento de me vir aqui aborrecer?

— Mas...

— Qual mas? O Homem é um parvo e eu prefiro aqueles que me dão 40 contos os que sabem pintar nem que seja o diabo. Agora vá-se embora!

Estive quasi para me pegar com ela, mas preferi ir falar

### Com Maria Helena

— O Homem é...

— Uma coisa que se inventou para arrelhar as mulheres.

Proteste. Discutimos.

— O seu tipo ideal?

Maria Helena semi-cerrou os olhos como quem reza matinas (que lindo!) e proferiu lenta, lentamente num cício primaveril (ó Heitor não me chape no *Descanso Semanal*), acentuando as palavras:

— O nosso velho tipo português. Um moreninho romântico...

### No "Jornal de Notícias"

— A D. Aurora está?

— Suba! berrou o porteiro.

E levou-me, a correr, escadaria arriba. A porta do gabinete da illustre escritora, zurrrou: ó D. Aurora está

aqui um gajo de cacó no olho que não sei que lhe quiere!

Mandaram entrar de dentro e eu, é claro, não fiquei cá fora...

— Que deseja?

— Saber o que é o Homem e para V. Ex.º o tipo ideal dele!

— Um momento!

E falando para sua dactilógrafa que estava perto:

— O Mariluz deixa-nos sós!...

O homem, meu caro amigo, começou Sua Ex.º apenas a rapariga desapareceu, não lhe digo o que é. Basta que eu o saiba! O meu tipo ideal? O fardado, mas sem ser grilo.

Despedi-me atenciosamente.

A saída o porteiro entre um magote de sopeiras receitava a torto e a direito terras de Mértola.

### Em casa da poetisa Amélia Vilar

— O Homem é a volúpia e a volúpia é o Homem!

— Tipo?

— O que tenha andado no *Rilley Institute*...

Fernando.

### (Continuado das páginas centrais)

— O Soares Correia lá aparece com mais um nariz de papelão. Tem paciência, ó velho, mas isso é bafiento, é muito século eatorze...

— Certo café da Batalha costuma a ser, depois dos espectáculos, ponto de reunião de alguns artistas do Sá. Duas atrizes, que eram dois *ferrinhos* nessas reuniões, deixaram de aparecer há bastantes dias. Posto em campo um dos nossos mil repórteres, chegou a descobrir que elas mudaram de rua, de hotel, de compromissos e de situação, tendo até uma delas mudado de *toilettes*...

### PREGUNTA ENIGMÁTICA

Responde, leitor, com presteza, Se acaso és bom charadista: Qual é a actriz portuguesa Que é duas vezes artista?

Ivo Magano.

A *Verdade*, na sua secção *Espectáculos* dirigida e escrita pelo nosso camarada e velho amigo *Ernesto Balmaceda*, faz umas amistosas referências ao nosso jornal com vista à sua secção *Teatras e Cinematograficas*. Agradecemos sinceramente.

Também o novo magazine *Panorama*, na sua secção respectiva e pela pena do mesmo crítico e autor teatral, se refere ao nosso semanário chegando a sua gentileza ao ponto de transcrever algumas passagens nossas.

MARIA RITA agradece uma vez mais e promete ser sempre o que tem sido: uma mulher honesta.



# A PENSAR MORREU UM BURRO

ÓRGÃO IMPRESCINDÍVEL AO BOM FUNCIONAMENTO DO PENSAMENTO NACIONAL

CHARADAS, ENIGMAS E PREGUNTAS SOFISMÁTICAS

1 ANO - N.º 36

DIRECTOR: ZÉ CAGANCHO • REDACTOR: REI DAS MUSAS

2 DE DEZEMBRO DE 1933

*Decifrações do n.º 34* — 1) Espelho, 2) Santepeia, 3) Casom, 4) Lovinho, 5) Fador, 6) Vadamada, 7) Soverbo, 8) Almazem, além; 9) Bicuda, bida; 10) Rebotto, reto; 11) Albergaria-à-Nova, 12) Alcabideche, 13) Penalva de Castelo, 14) Moimenta da Beira, 15) Vila Rial de Santo António, 16) Carrazeda de Anciães, 17) O diabo tece-as, 18) Pardais, 19) A mulher e a sardinha, quer-se da mais pequenina.

*Decifradores* — Glicero, 18; Rei Fera, 18; Serigaita, 18; Amil, 17; Rei do Orco, 17; Otopavlis, 17; Rei Tinto, 17; Reirobi, 16; Xenofontes, 16; Horaciano, 14; Feirante, 9.



## Charada em verso

*(Agradecendo a todos os camaradas as suas amáveis dedicatórias)*

(1)  
Em casa da D. Rosa  
Foi-me um dia apresentado  
Um *general* reformado,  
De educação primorosa.

Convidou-me p'ra valsar — 1  
Com tóda a galanteria  
E constatei — que alegria! —  
Que era um «danseur» invulgar.

*Nos tangos*, ó que leveza, — 1  
Que elegância requintada  
Sai de lá encantada  
Da sua enorme destreza!

E em casa pus-me a pensar  
Neste *homem* de tanta idade,  
Com tão grande agilidade,  
E' caso para admirar!

Serigaita.



## Novíssimas

(2)  
Quem *olha* está a *observar* ou a *absorver*? — 1, 1.

Diso

(3)  
Neste *cubículo* ninguém me *oferce* *alface* — 2, 1.

Sepol.

*(Para arrelhar o Busina)*

(4)  
Pudera! Tinha mirrado o *pesçoço* e a *bólsa*. Por isso, v. nem de *graça* a

quere seu *grandissimo* espertalhão!... — 2, 1.

Olegna.

(5)  
Há um *homem* que deu uma *nota* de 100 escudos a outro *homem* — 2, 1.

Fantasma Negro.

(6)  
*Falta* ainda muito *tecido*? *Nem* por *isso*! — 2, 2.

Sabrigaita.

*(Ao confrade Oinolna)*

(7)  
V. consegue sempre estar *firme* na *relação* do *quadro* de *honra* — 2, 2.

Busina.



## Sincopadas

(8)  
3 — Noé deixou o *porco* fora da *barca*. — 2.

Sabrigaita.

(9)  
3 — Contra a *indolência* a *urgên-*  
*cia*. — 2.

Glicero.

(10)  
3 — Vi um *passaro* *manco*. — 2.

Sepol.

(11)  
3 — O *maroto* meteu-se por uma *rua* *escura*! — 2.

Giso.



## Tipográficos

*(6 letras)*

(12)

P RIO

Glicero.

(13)

TOR RES

Sabrigaita.

## Maçadas geográficas

*(Ao Rei Tinto)*

(14)  
Formar o nome duma terra portuguesa com as letras da seguinte frase:

VIOLETAS DE CAPA

Otopavlis.

(15)  
C. TELES DAVA O PLANO

Horaciano.

*(Agradecendo ao Otopavlis)*

(16)  
O D. OTROPAVLIS LEIA HI

Reirobi.



## ATENÇÃO!

Os charadistas que queiram honrar as páginas de **O ENIGMA** com a sua valiosa colaboração, devem observar com todo o cuidado as condições que a seguir exaramos, para evitar demora na sua publicação.

Todos os artigos devem ser escritos dum só lado do papel, cada um em separado e com as respectivas soluções (incluindo parciais se as tiverem) e pseudónimo ou nome do autor; indicar os dicionários onde se podem constatar as respectivas decifrações.

Devem repetir-se pelo menos três vezes, os números respeitantes às soluções parciais dos logógrafos.

As novíssimas devem formar uma frase perfeita obedecendo a tódas as regras gramaticais.

Os figurados ou pitorescos, devem ser executados a tinta preta — nankim — e os desenhos perfeitos e de arquitectura impeccável. Nos símbolos, devem vir indicadas o número de letras correspondente à sua solução parcial. As soluções totais devem vir separadas dos artigos.

**Dicionários adoptados:** S. da Fonseca, C. de Figueiredo, Torrinha, Silva Bastos, Roquete, Silva Bandeira (Mitologia, sin. e aux. do charadista), Fábula, Rifo-neiro e Adagus, A. Delicado; Provérbios (do Povo).

Rei das Musas.

### Era lógico...

Realizaram-se em 'Spanha,  
No domingo, as eleições;  
Lutaram várias facções,  
Com calor e até com sanha.  
Ficou eleito o Azaña  
E também foram eleitas  
Algumas niças perfeitas,  
Aos homens dando tosquias,  
Pertencendo as maiorias  
Aos partidos das Direitas.

Este feliz resultado  
Ninguém deve admirar,  
Desde que foram votar  
As damas, o que deu brado.  
Porque tendo elas votado  
Cóm interêsse e com fé,  
— Mais do que os homens até,  
E as lampas a el's levassem, —  
Era justo que ficassem  
As direitas... sempre em pé!

Mil Reis.

Bisnau.

Colega MARIA RITA:

Abriu, em Coimbra, um *cabaret*:  
«O Velo d'Oiro». Mas parece que  
aquilo não navega em mar de rosas.

Na Grécia ainda se encontra um  
jásão e os seus argonautas dispostos  
à conquista do Velo de Oiro.

Mas os tempos mudaram!

Os argonautas já desapareceram e  
os jáções não abundam... Além disso  
aquilo é só velo porque oiro... nem  
vê-lo!

Agradeço-lhe o livro *Le fruit Per-  
mis*, de Mycho, que teve a gentileza  
de enviar-me. Li e gostei.

De resto, eu gosto sempre de to-  
dos os frutos desde que sejam sabo-  
rosos; e o fruto que enviou é saboroso,  
saboroso e picante.

Até à próxima, MARIA RITA.  
Abraça-te o

*Cinéfilo* diz que em Hollywood  
nem todos os astros pensam em di-  
vórcios.

E cita, entre outros, o caso de  
George Arliss que se encontra casado  
há 34 anos.

Francamente, numa terra de tantas  
mulheres bonitas e tentadoras, já é  
preciso ter coragem, coragem e...  
sangue frio!

*Cinéfilo*, abriu um interessante e  
original concurso, — passe o reclame.

E' o seguinte: que faria o *cinéfilo*  
em 24 horas com o seu astro prefe-  
rido?

Francamente, meus caros leitores,  
eu não sei o que faria em 24 horas  
com a Marlène, a Brigitte, a Jean  
Harlow, a Marie Glory ou outras!

E' provável que passadas as 24 horas  
já não pudesse concorrer ao concurso!  
Ou então não chegariam os ovos de  
tôdas as galinhas de Portugal!

(Permite-me, MARIA RITA, outro  
parêntesis).

Elia: Você continua a escrever-me  
com uma pontualidade matemática,  
com uma pontualidade que eu admiro  
numa mulher moderna, século xx.

Você teima em não me revelar o  
seu nome e eu teimo em não lhe  
pedir para o revelar. Somos dois tei-  
mosos.

Ouçam esta, meus caríssimos lei-  
tores.

Conjurado ásperamente o tristís-  
simo *récord* que os assassinatos estão  
batendo actualmente na India, uma  
notícia de Bombaim conta-nos, entre  
outros muitos casos, aquele que va-  
mos narrar e que nos parece nimbado  
de uma certa originalidade.

Foi o facto que, durante um casa-  
mento indiano (um daqueles casamen-  
tos cujo cortejo de acompanhamento  
é quasi exclusivamente composto pelas  
raparigas solteiras da mesma terra que  
desejem casar breve) houve uma ver-  
dadeira batalha entre os convidados  
no fim da bôda, motivado na ganan-  
ciosa disputa dos doces servidos. Mor-  
reram, nessa luta pantagruélica, a  
madrinha da noiva e mais alguns dos  
convivas, não falando no avantajado  
número das pessoas feridas.

Conceito a tirar de tudo isto: Lá  
como cá, é a barriguinha a grande  
impulsora de tôdas as nossas acções.

Chegou o Lindbergh a esta santa  
terra de papalvos e os bons tagatês e  
não sei quantos mais elogios bacôcos à  
sua excelsa pessoa teem enchido colunas  
e colunas de prosa adocicada e balôfa.



Perde o mundo duas insignes cabe-  
ças como as de Roux e Calmette e  
apenas algumas curtas notas biográfi-  
cas aparecem nas gazetas cidadinas.

Estamos bem numa época de san-  
dice e de futilidades. Há dias, uma  
revista francesa, comparando a escala  
dos valores sociais, punha no mais  
baixo degrau a filosofia, a seguir a  
literatura, e lá no alto, nos pincaros  
da lua, o *box*, o cinema e o *foot-ball*.  
Quere dizer que, vale mais um Alvaro  
Pereira que o nosso mirolho Camões,  
mais um Carnera ou Paolino que Des-  
cartes ou Spencen!

Conceito a tirar: Mais vale um  
murro bem dado do que todos os pen-  
samentos de um cérebro privilegiado.

Não sei se já repararam como as  
meninas desta terra se babam com os  
tregeitos do *beija-torta* Chevalier. Uma  
vi eu rir-se tanto, suspirar tanto, esga-  
niçar-se tanto, que no fim, não re-  
sisti a ver se ela tinha molhado a ca-  
deira.

Como explicar uma tal obsessão  
pelo homem? Será por causa da beija,  
da sensualona beijorra e respectivo  
pisicar significativo do olho direito?

*Chi lo sa!...*

Para  
Pintar  
aredes

Use

MURALINE

RUA DO ALMADA, 30-1.º — Tel. 2571

uma tinta que se

prepara em  
seca em 10  
d u r a 10  
horas  
anos

# GRANDE CONCURSO EPICO

a que podem concorrer todos os poetas continentais e ultramarinos

*Damos hoje publicidade a mais alguns dos sonetos recebidos para o mote:*

## O SONHO DO TELES

Naquela noite nublada e fresca  
Em que as estrelas deram seu passeio,  
Ao mundo ficou sempre um tanto alheio  
O Teles, de figura pitoresca.

Ganhou fatal geiteira pícarosa;  
E ao vê-lo assim — coitado! — lastimei-o!  
Parece andar em terno galanteio  
Aos astros, e com cara bem grotesca!

Exclama com manciaras terminantes,  
Manciaras que é até patusco vê-las  
Por serem tão fatais e extravagantes:

— «Levai-me, ó céus, às Ursas ou Camelas!  
Sim! Levai-me às que forem mais brilhantes!  
Quero ir ao Sol e ao rabo das estrelas!»

## Asinus.

Eis me vejo de repente em pleno mar,  
Numa noite de vento e trovoadas,  
Num barco que na água balouçava,  
E já cheio pela chuva ia virar.

E era cada pinga que caía,  
Que a roupa me ficou como uma sopa.  
De súbito, uma onda volta a pôpa!...  
E eu acordo a nadar como uma enguia!...

Mas que é que vejo!... Oh Santos velhos!...  
Acordei, ou estou adormecido?!...  
Minha mulher dormindo de joelhos!...

Tendo na mão o vaso humedecido,  
Ainda a pingar sobre os artelhos!...  
Não era um sonho pois?!... Tinha chovido!...

## Rei dos Nabos.

Batendo com força à porta do Céu,  
Chamando S. Pedro, o velho careca,  
Uma certa noite um tipo aparçeu  
C'um destes pifões levados da breca.

Pergunta S. Pedro: — O que aconteceu,  
Quem vem perturbar a minha sonceca?  
Responde o sujeito: — O' homem, sou eu,  
O Teles que quer que lhe encha a caneca!

O santo isto ouvindo, logo corou,  
Chegou-se ao postigo e então despejou  
Sobre o figurão, chamando-lhe reles,

Um vaso nocturno mui fedorento!  
Eis amigos meus como num momento  
Aqui vos contei o sonho do Teles.

Olegna.

Em sonhos a matutar,  
Anda sempre embevecido  
O Teles, que é o marido  
Da dona Aurora Pilar.

Cesse um tamanho lidar;  
Esse sonho é fementido;  
Veja se é mais comedido,  
Procure o seu bem-estar.

Olhe, Teles: — um conselho,  
Dado por um homem velho,  
Que da vida tem 'xpriência:

— Deixe tanto meditar,  
Fuja de tanto sonhar,  
Tenha juízo, prudência.

## Zangorlipanfas.

O sonho do Teles? antes  
Fosse o sonho de Otelo...  
Não há Bocages, nem Dantes,  
Que façam um verso belo.

Com temas tão 'xtravagantes!  
Coça a gente no cabelo...  
Olha, ao alto, os céus distantes,  
Torna-se o ar amarelo...

E nada, nada que valha  
Tentar este ingrato assunto!  
— O sonho do Teles, falha ..

Por mais que assopre o bestunto,  
— MARIA RITA me valha! —  
Não deita sumo, nem unto!

## Zeus.

Uma noite sonhei que linda escrava  
Devagar me levava pela mão  
Através dum palácio, e que entrava  
Num harém recatado do sultão.

Ao ver tanta mulher de quem gostava  
Não pude resistir à tentação;  
Senti correr no sangue ardente lava  
Enchendo-me de lúbrica paixão.

Acercou-se de mim gentil sultana  
A qual cheia de amor como uma fera  
Me abraçou, me beijou e me mordeu.

Acordei com a dor e... Deus do céu!...  
Fiquei pasmado ao ver que me mordera  
No pescoço uma enorme ratazana.

Elmano Siamor.

O Teles regressou já madrugada,  
Do baile da Condessa d'Alcunhões,  
Onde após agradáveis libações,  
Sentia a mioleira perturbada.

Rememorou a valsa em que enlaçada,  
Conduzia a condessa em turbilhões,  
E antevendo fagueiras ilusões,  
Adormeceu pensando nessa fada.

Teve um sonho sublime, encantador,  
Em que cingindo o busto sedutor  
Dessa bela, a beijava a vez primeira!

Ao acordar, porém, — cruel destino! —  
Constatou que com todo o desatino,  
Abraçava com ansia a travessreira!!!

## Rei das Musas.

Sonhou um dia ser como Hitler.  
E à semelhança deste, co' a Alemanha,  
Comandava a titi, a sogra e a mulher,  
Com rasgo, com audácia, mas sem manha.

A coisa ia correndo a préceito;  
O Teles ia sonhando, enlevado.  
Mas com arte, com tática e com geito  
A sogra manobrava por seu lado.

E surgiu o conflito infernal.  
O Teles foi moído para o hospital  
Já sem fala, em estado comatoso!!

.....  
Isto de sogras não é brincadeira!  
P'ra viver com elas, a melhor maneira  
E' ser astuto, calado e cauteloso!...

## Solteirão X.

Conseguir com que a assistência  
Ao ver o jogo da bola  
Tenha juízo na tola  
P'ra se portar com decência...

Pedir-lhe mesmo clemência  
Como quem pede uma esmola  
Visto que sempre se amola  
Quem trata com insolência...

Dar, enfim, a educação  
Que é precisa como o pão  
A quem ainda a não tem

Para deixar de ser reles...  
E' este o sonho do Teles  
E o meu sonho também.

Sepol.

(Continua para o próximo número).

# Visitem ESPINHO -- Magnífico Casino

# Uma reportagem sensacional

Naquele dia não havia maneira de me chegar uma ideia, um assunto, um alvitre para escrever uma reportagem sensacional para o grande periódico em que então colaborava — *A Chalupa* — órgão dos acontecimentos recentes, de que era director o grande jornalista amador (então não havia ainda os chamados *profissionais da imprensa*) Catolino Casca-grossa.

Nesse tempo os acontecimentos sensacionais rareavam. Passavam-se meses sem que surgissem um roubo, uma burla, um desfalque, um acontecimento; enfim, que pudesse despertar a opinião pública.

O caso Urbino de Freitas estava já coçado pelo uso, a questão Dreyfus já dera o que tinha a dar e à parte uns escandalozitos nos bastidores teatrais... nada de novo.

O chefe da redacção de *A Chalupa* tinha-me mandado chamar e havia-me dito:

— E' preciso arranjar uma reportagem sensacional. Procure um escândalo, por exemplo.

— E onde hei de eu ir buscá-lo? — respondi atropalhado.

— Se não houver nenhum, faça-o! O essencial é que não me apareça cá sem a reportagem!

Saí com uma cara que devia causar dó. Na rua comecei a vaguçar ao acaso, pensando na reportagem e na minha namorada. Vagueei pelas ruas cêrca de três horas e quando dei por mim não sabia onde me encontrava. Naquele tempo ainda eu não conhecia o Pôrto como hoje. A-pesar-de ser um dos mais afamados *reporters* de então, se me tirassem da Praça Nova, rua de Santo António ou Santa Catarina, perdia-me imediatamente.

Comecei a olhar a rua e os prédios. Mesmo na minha frente havia uma casa luxuosa, dentro de um jardim gradeado. Ao centro, um portão, onde estacionava um sujeito bem pôsto, sem chapéu.

Para me orientar dirigi-me a êle. Antes que tivesse tempo de lhe dirigir a palavra, o homem estendeu-me a mão, com um sorriso nos lábios.

— Ainda bem que veio—começou. O senhor não me conhece, pois não? Mas com certeza deve ter ouvido falar de mim. Chegou em boa altura, porque tenho coisas maravilhosas a contar-lhe.

E assim falando e ante o meu pasmo, o homem, agarrando-me por um braço, conduziu-me para um banco do jardim.

Com certeza que o sujeito me conhecia; eu é que não tinha reminiscência alguma daquela cara redonda, daquela barba preta à passa-piolho, daqueles olhos verdes e daquela cabeleira magnífica.

Já sentados no jardim, num banco de ferro, o homem da barba à passa-piolho continuou:

— Pois é verdade, meu caro amigo, você já

deve ter ouvido falar de mim. Quem sabe até se já terá lido alguma das minhas obras?

— Ah! — fiz eu muito interessado — V. Ex.<sup>a</sup> é escritor?

— Em tempos fui. Hoje deixei-me disso. Já não escrevo e toda a gente pensa que eu morri. Mas como o meu amigo vê, estou aqui rijo e teso para acudir ao pêso.

E riu com gosto.

Eu ri também para lhe ser agradável. Mas estava sobre brasas, ansioso por saber quem era aquele que tinha a meu lado. Para o conseguir, perguntei-lhe:

— De todas as obras que escreveu, qual é a que mais lhe agrada?

Ele tirou do bolso uma caixa de rapé, tomou uma pitada e respondeu-me:

— E' sem dúvida o *Frei Luis de Sousa*.

Se nesta altura o homem da barba à passa-piolho me tivesse dado uma bofetada, confesso que não ficava tão assombrado! Ele percebeu a minha estupefacção e, sorrindo, disse-me:

— Estava muito longe de o supor, não é verdade? Pois é como lhe digo: sou o Visconde de Almeida Garrett, autor do *Frei Luis de Sousa*, do *Arco de Santana*, do Arco da rua Augusta, do Arco do Cego e de todos os Arcos de Val-de-Vez em quando. Mas não se admire; toda a gente julga que eu já não existo, mas eu estou aqui rijo como um pêrol...

Foi nesta altura que me recordei da minha reportagem.

— V. Ex.<sup>a</sup> quer ter a bondade de conceder-me uma entrevista? — inquiri eu, rapando da caneta e respectivos linguados.

— Com todo o prazer!

Oh! que felicidade! Que sucesso! Antevia já um aumento de tiragem na *Chalupa* e outro aumento no meu ordenado! Como se iriam morder de inveja as outras gazetas.

Com o coração aos pulos comecei a entrevista que durou cêrca de duas horas. Consegui obter esclarecimentos inéditos, pormenores curiosíssimos que iam fazer o mais retumbante sucesso de todos os tempos passados, presentes e futuros!

No fim guardei tudo cuidadosamente no fundo do meu bolso falso do colete. Estava ali a minha carreira, a minha coroa de glória!

Saí. Na rua perguntei a um polícia o caminho para a rua X. Ele indicou-me e eu desatei a correr, levando a mão sobre os meus valiosos documentos.

Entrei pela redacção como uma rajada, com risco de afundar *A Chalupa*, e, exibindo os linguados, eu bradava:

— Cá está! cá está a reportagem! Uma coisa piramidal, única! A entrevista de maior sucesso de todos os tempos, de todas as eras, de todas as idades, desde a idade da pedra até à do chumbo!

O chefe da redacção...  
— Sossegue, homem, e vamos lá a ver do que se trata.

Apresentando-lhe os escritos, eu disse, triunfante:

— Trata-se nem mais nem menos de uma entrevista com o célebre romancista, o grande escritor Almeida Garrett!

Ao ouvir isto, o chefe da redacção teve de se agarrar a uma caneta para não cair.

Eu contemplava-o com ar de desafio de foot-ball.

— Mas... balbuciei êle.

— Não há mas nem meio mas. O homem não morreu, como toda a gente supunha. Está mais são de que o S. Cosme!

— E onde é que você foi dar com êle?

— Se quere que lhe diga, não sei o nome da rua, mas sei que ao vir embora passei pelo Marquês de Pombal.

— O quê?! também entrevistou o Marquês de Pombal?

— Não, homem! Passei pela praça Marquês de Pombal, ao vir embora.

E então contei-lhe como saí de casa triste e cabisbaixo, por não ter assunto para a reportagem que êle me pedia.

O chefe da redacção ouvia-me muito atento e pensativo. A certa altura perguntou-me:

— Olhe lá! A casa onde estava o seu entrevistado era assim e assim, com umas grades e um jardim, ao centro do qual havia uma estátua?

— Exactamente! — disse eu.

E com grande espanto da minha parte o homem começa a gargalhadar.

Eu estava assombrado.

— Mas que quere dizer essa estranha manifestação?

Mas êle continuava sempre na mesma risota.

Por fim sossegou um pouco e então o meu assombro subiu de ponto quando êle me disse:

— Você esteve no jardim do Hospital Conde Ferreira a conversar com um doído que tem a mania de ser o Almeida Garrett!!!

Gabriel Terroso.



## CARTAZ DE HOJE

*Sá da Bandeira*: A revista em 2 actos Pôrto à vista.

*Carlos Alberto*: A revista em 2 actos Festa Brava.

*Rivoli*: O grande filme *As duas orfãs*.

*Olimpia*: O filme português *A canção de Lisboa*.

*Trindade*: O filme português *A canção de Lisboa*.

*Batalha*: Os filmes *O navio sangrento* e *O torneio da morte*.

# BARROS



## VINHOS DO PORTO

DE

## QUALIDADE SUPERIOR

# CONCURSO DO MELHOR PALPITE

## 2.ª SEMANA

Escrever no cupão abaixo o seu palpite sôbre o milhar em que cairá o segundo prêmio da loteria do Natal de 1933.

QUAL É O MILHAR AONDE CALHARÁ O SEGUNDO PREMIO DA LOTERIA DO NATAL DE 1933?  
E' NO MILHAR.....

Remetente.....

Morada.....

Na próxima semana, o concorrente terá que se aventurar a dizer qual é a **terminação** do primeiro prêmio. E na última, **qual a côr que terá** o bilhete do primeiro prêmio.

**Atenção** Os recortes tanto podem ser enviados à medida que saírem, como juntos no final do concurso. Bem entendido: tem de dar entrada na nossa redacção até à véspera da extracção. Será desclassificado todo o concorrente que não fizer o envio dos **quatro recortes**.

## DISTRIBUIÇÃO DE PRÉMIOS

**Primeiros prémios** — Distribuídos entre aqueles que acertem em **pelo menos três palpites exactos**.

**Segundos prémios** — Entre aqueles que acertem **pelo menos em dois palpites exactos**.

**Terceiros prémios** — Entre aqueles que tenham **um palpite exacto**.

Além destes haverá um prêmio de **200 escudos** oferecido pela MARIA RITA àquele concorrente que tenha a sorte de acertar em todos os palpites.

## OS PRÉMIOS

Na próxima semana começaremos a dar a lista de todas as ofertas. Por hoje limitamos a dizer os nomes das casas amigas que nos ofereceram o seu concurso.

**O REI DOS PÓ-PÓS** (A. M. da Rocha Brito), **MIGUEL NUNS PY & C.ª** (Fábrica de Malhas), **ALFREDO F. RIBEIRO & C.ª** (Fábrica de Fogões), **ALBANO RAMOS PAIS & FILHO** (a grande Casa de Modas), **CARLOS TEIXEIRA FIGUEIROA** (O Rei das Graxas), **A. FIGUEIRINHAS, L.ª** (a Livraria Editora mais cotada do Porto), **RADIO PORTO** (o pai da rádio telefonia no Norte), **CORREIA, TEIXEIRA & CUNHA** (a casa que vende de tudo e sempre à mão de semear), **GALERIAS LAFAYETTE** da rua 31 de Janeiro (o elegante estabelecimento de modas para senhora), **FABRICA DE CONSERVAS "NUN'ALVARES"**, de Matozinhos (conservas de lamber os beiços), e o mais que se verá...

Pechinchas à mão de semear